

Capa, Projeto gráfico e Editoração Eletrônica.

Frederico Lobo Azevedo

Revisão Ortográfica

Angelo Santiago

Ficha catalográfica

Azevedo, Reginaldo Horta

Eta Nós! / Reginaldo Horta Azevedo; - Espírito Santo, 2014.

1. História de vida.

Prefácio

Escrever um livro é o meu sonho. Tentei por várias vezes e desisti antes de começar. Não conseguia nem escolher o estilo, e a história acabava na primeira linha. Já estava convencido que escrever era tarefa para quem tinha história quando me lembrei da minha.

Há quem não acredite nos meus casos. Não adianta jurar. Mas eu vivi essa verdade e resolvi que era só dela, vestida com a minha imaginação, que iria falar. Descartar os aumentos, omitir quando necessário e, a partir de já, não falar mais sobre a minha vida, só escrever. E foi assim que eu comecei esta biografia, que teimosamente chamo de livro.

Reviver os acontecimentos foi como assistir a um bom filme. Agora compreendo as lições da vida que me foram dadas no passado. Como eu fui cego ao não percebê-las. Estavam escancaradas na minha frente, presentes em forma de conhecimentos, embrulhados nos grandes momentos de alegria, riscos e tristezas, me apontando o caminho, e eu, muitas e muitas vezes, não percebia ou não queria ver. E fui vivendo nos sonhos e nas fantasias que anestesiavam a realidade.

Tive e tenho imensos amigos. Aliás, o conceito de “imenso” vive ligado comigo. Imensa é a forma como vivo, como gosto, como bebo, como me magoo ou como amo. Fora isso, o destino foi trançando o caminho que me pertencia sem levar em conta a prioridade, mas de forma imensa, levar porradas ou dar grandes gargalhadas. Como já sabem, não sou romancista e vou procurar contar alguns fatos de minha vida sem outra pretensão. Não há remissão, desculpas ou remorsos. Tudo o que fiz foi feito porque devia ser feito. O momento do fato, a minha ingenuidade e até mesmo a necessidade imposta me levaram a viver sem culpa com meus atos.

Claro, hoje, com minha experiência, não faria da mesma forma. Com certeza faria pior, por querer fazer dentro de outras regras. Mas sou feliz com a carga de minhas lembranças.

Muitas passagens vividas, ao mexer com as lembranças, foram propositalmente esquecidas. É que não consigo mais distinguir nelas quando começa o sonho e quando entra a realidade. Por precaução, estão guardadas quando eu tiver coragem de escrever outro livro. Descobri que consegui chegar até onde estou sem inimigos conhecidos e com pouquíssimas mágoas, ou quase nenhuma, por força das raízes culturais legadas pelos meus pais. Consegui, assim, evitar grandes males, principalmente a droga. Excetuando-se, segundo Zé Colmeia (falo dele mais tarde), algumas centenas de milhares de cervejas geladas, tonéis de cachaças, gins, rum, vodka, vermute, cinzano, vinhos, Campari, batidas de todo jeito, garrafadas, enfim, bebidas, e mesmo assim, quando queria parar de beber, não tinha feriado que me fizesse retornar.

Como disse, nasci no Bairro Floresta. Até hoje o bairro tem em cada canto a sua magia. Basta saber procurar. Claro que não é qualquer um que tem esses poderes.

Eu conheço um lugar mágico, quase uma ilha, que existe na confluência da rua Salinas, a um ou dois quarteirões da Silviano Brandão, na divisa dos bairros Floresta com Santa Teresa.

Esta ilha recebe os mais diferentes e incríveis personagens, que encontram-se, conhecendo-se ou não, durante a semana, sempre ao entardecer. Muito parecido com o bar do Mozart do meu tempo.

Aos sábados e domingos, o fenômeno se repete durante todo o dia. Os que são usuários seguem o caminho da ilha, conforme o seu horário, por força do hábito. Os outros novatos são atraídos pela luz.

Diz a lenda que, ao dar a ordem, chega junto uma cerveja geladíssima, um pastel crocante e quente o suficiente para lhe dar tempo, enquanto chega na temperatura da língua, que você filosofe sobre o placar do seu time naquela tarde.

A ilha tem regras e não tem. Quem as dirige, põe suas normas, como também não usam nenhuma delas, dependendo exclusivamente das luas em que atravessam.

O mágico, ilusionista, sátiro, e que nunca esquece nada na sua conta, é o seu guru

Chumbinho e seu cavaleiro, o valente Paulinho. Donos provisórios da ilha, que flutua mas não sai do lugar, que não sofre influência das marés.

Tudo depende do humor de um baixinho, que na nossa infância era um cracão de bola, associado ao seu irmão Paulinho, que juntos fazem mágicas no lugar de trabalho. Eu, sempre que vou a Belo Horizonte, vou com o meu Parkinson, andando com as particularidades que me são permitidas, vencendo a distância, apaixonado pelos dois e pela magia da ilha para ganhar um abraço saudoso, uma pinga calmante e um pastel mais parecido com o beijo da mulher amada.

Voltando à realidade. Em minhas aventuras, convivi com traficantes no alto Amazonas e no Pará. Vi plantar e colher a maconha e processar folhas de coca. Ganharia muito dinheiro se aceitasse o convite para transportar a droga de Baião, no Pará, para a Guiana Francesa, em viagens noturnas, contratos feitos no quintal da “Pensão Baixa Boca” naquela cidade, transportadas através de barcos que, para disfarçar, cobriam a droga com pimenta do reino. Era um momento em que eu mais precisava de dinheiro.

Não era essa a aventura que me seduzia. Nunca fui e nem me permiti ser convencido quando o assunto era prejudicar deliberadamente as pessoas.

Fora isso, a vida me foi benevolente, presenteando-me com momentos inesquecíveis e boas aventuras. Recebi dela, ainda, um pai que me ajudou como pôde e minha mãe, que me ajuda até hoje. Dez irmãos fantásticos, momentos gostosos em uma família alegre, sempre se reunindo em uma cozinha com muita música. De quebra, como recompensa, me permitiu ter a convivência com Lígia, e juntos trouxemos para este mundo Murilo, Henrique e Frederico.

Obrigado, vida!

Eta nós!

Havia mandado uma cópia deste livro para a minha irmã Mônica opinar. Ela, por sua vez, achando interessante, cedeu para que o amigo Reginaldo Da Silva Romeiro, seu cunhado, lesse.

Foi com surpresa que recebi esta carta de Reginaldo, que me deixou muito, muito feliz! De tão importante foi a sua mensagem que tomei a liberdade de colocá-la em lugar de destaque neste livro, naturalmente com a licença dele. Agora, a parte ruim. Oito meses depois, recebo a notícia de seu falecimento, vitimado por um câncer. Não tive a oportunidade de abraçá-lo pessoalmente pelos elogios recebidos. Perdi a chance de extrair mais conhecimentos daquele que eu computo como um gênio.



Carta

Meu xará,

Saudações.

Sou concunhado de sua irmã, seu homônimo e seu conhecido.

Embora talvez você não se lembre, tomamos cerveja juntos umas duas vezes na praia. E na casa do sítio do marido de sua irmã – meu cunhado, o Coronel, como você o chama. Bom, mas não importa. O importante é que eu o conheço e você me conhece, embora talvez não se lembre de mim. Inclusive, temos mais ou menos a mesma idade.

Sou um leitor compulsivo. Aprendi a ler aos quatro anos de idade, não por ser inteligente, mas por ter sido criado por tias – todas solteironas, todas professoras primárias -, já que minha mãe morreu quando eu tinha um ano de idade. Escrevi minha primeira poesia quando tinha quatro anos e meio, vê se pode. Sempre li, mais ou menos um livro a cada quinze dias desde então. De férias, na praia ou pescando, costumo ler um por dia, ou mais de um até. Como tenho cinquenta e oito, calcule por aí, mais ou menos, a quantos ando. Tinha acabado de ler “O Código da Vinci” (o moço – Dan Brown – escreveu mais que você, pelo menos em quantidade) quando minha concunhada me passou seu livro. Sua irmã, de vez em quando, troca livros comigo. Derrubei seu livro com duas bicicletadas (todos os dias, faço uma hora de musculação de madrugada, depois vou para a bicicleta e pedalo um pouco, uma meia hora, mais ou menos. Gosto mesmo é de caminhar, mas ultimamente não está dando, um nervo da planta do pé esquerdo anda fazendo malcriação comigo). No terceiro dia, estranhamente, não levei um livro para ler na bicicleta ergométrica da academia. Eu precisava digerir psicologicamente o seu, ele é denso demais, humano demais, grande demais, importante demais, não cabia outro no meu pensar e no meu sentir. E eu estou ficando velho, mais frágil, preciso digerir coisas grandes mais devagar, senão eu engasgo, não dou conta. Afinal, se já fui sucuri, isso foi há muito tempo...

Assim, no terceiro dia, minha bicicleta ficou olhando a parede branca da academia. Gente, esse moço, além de escrever bem, tem uma história de vida para contar que me

causa uma inveja profunda. Em casa, umas duas ou três vezes, saí da cama e fui reler um pedacinho do seu livro, para ter certeza que entendi direito. Um privilégio, meu amigo, acho que nem com Tolstoi, Zola ou Flaubert eu fiz.

Você tem uma história de vida muito bonita, deixou-me com inveja. Literalmente inveja. Inveja é pecado? Então, eu sou um pecador. Você também – quem induz alguém a pecar, peca em dobro, vai purgar no fogo do inferno, ser fervido em caldeirões de chumbo derretido. Se bem que, mesmo sem ter lido seu livro, sempre fui um pecador incorrigível. Quem sabe, um dia, dividimos o mesmo caldeirão?

Parabéns mesmo, Xará. Pelo seu estilo de escrever e pelas coisas que você tem para contar. Você devia passar uns quinze dias ajoelhado em grãos de trigo sarraceno – grão de milho é pouco – pelo pecado de despertar inveja num homem de bem, ainda que limitado como eu. Você, meu homônimo, é o Reginaldo que eu queria ser, nunca consegui e vou fazer a passagem sem ser...

Nós somos monógamos talvez porque tenhamos encontrado a mulher de nossas vidas. Eu já gostava da minha desde a adolescência, sem ela saber, obviamente (fiz 29 anos de casado no mês que passou), embora a conhecesse de longe, desde a pré-adolescência. Mas, no seu caso, foi amor à primeira vista e eu não tive a sorte de acontecer isso comigo (poucos têm, você é um homem de sorte). Monógamos por opção, eu não teria outra, mesmo porque minha cabeça não daria conta de gerenciar uma coisa assim tão complexa (sempre fui, psicologicamente, muito frágil), enquanto a sua cabeça teria potencial para gerenciar um harém inteiro, se fosse preciso. E, mesmo assim, praticamos a monogamia, com convicção, talvez por razões distintas, talvez não... Outro dia, fui acompanhar o marido da sua irmã caçula num retiro de carnaval. Conhecendo-me, vou devagar. Chego lá pelo meio dia ao sítio dele, faço o social, tomo só umas trinta pingas e uns vinte copos de cerveja, como franciscanamente alguma coisa verde que estiver disponível, começo a ficar com sono e chamo a patroa para ir embora. Durmo o resto da tarde, afogo-me num oceano de antiácidos, negocio com o ego esse negócio inegociável de remorso e de auto-censura, vou para meu laboratório trabalhar de noite como de costume, sozinho, anoto tudo que é

para fazer amanhã, na agenda.

Eles, não. Eles são esses amigos do seu cunhado. Acordam de manhã, escovam os dentes e abrem uma latinha. E continuam desvirginando latas até às duas da manhã. Em outras palavras, não dou conta de acompanhar. Se você estivesse lá, ia acordar mais cedo só para abrir uma latinha primeiro que todo o mundo, ia ficar o dia conversando civilizadamente, ia talvez para a cozinha fazer alguma coisa diferente, ia dormir depois das duas da manhã, meio tocado, cutucando o sonolento Maestro (Guega) para tocar mais alguma coisa de Armstrong... Inclusive, no terceiro dia de retiro, caí de cama. Acordei, caminhei um pouquinho, cheguei em casa e tive sudorese, tremuras, passei o dia na cama, vendo Animal Planet na televisão...

Divido com você um amor incontido por Belo Horizonte, o que nos torna mais cafonas que cueca samba-canção, pijama listrado e pinguim em cima de geladeira. Conheci uma Belo Horizonte – décadas de 50, 60, até 70 – que não existe mais, a mesma que você também. Por incrível que pareça, ainda vou ao Lucas tomar um chope, só não vou à Cantina do Ângelo e ao Alpino's porque não existem mais. Só que conheci Belo Horizonte como pessoa do interior, que vai lá por curto espaço de tempo – uma consulta médica, visitar um parente, coisas assim. Você exhibe uma certidão de idade (meio amarelecida, convenhamos) mostrando que nasceu lá. E passou as fases mais importantes da vida – infância, adolescência e juventude – lá. Eu não. Não tive esse privilégio...

Você teve um pai – tá certo, autoritário e severo, músico, carregando um nome incomum (seu Zuzuca deve ter sido um homem sensível, ao modo dele) –, você conversou pouco com ele por coisas da vida que não importam agora, mas teve pai. Teve um pai. Teve uma imagem paterna, uma imagem em quem se espelhar.

Fui abandonado por meu pai aos dois anos de idade, nem sei se ele está vivo (não deve estar, nasceu em 1913, era pobre e sem recursos, bebia e fumava). Pelos relatos que conheço, o avô dos meus meninos devia se parecer com você no sentir e no pensar – tentava tudo o que podia para manter a família, esteve no Mato Grosso entre os índios quando ficou viúvo, foi lavador de carros e engraxate, referia-se a mim como “meu tesouro”. Até

tentou casar com uma das minhas tias – não deu certo – para, presumo, ver se resolvia o problema do menino. Bom, deixa pra lá. Essas coisas me emocionam e eu, ultimamente, não estou podendo... Você continua tentando encontrar uma forma de viver a vida. Dá certo um dia, não dá depois. E você não desiste. Se bem que, com a esposa que tem, não é para desistir mesmo. Conheço ela (gostou da gramática?), tomei uma cerveja com ela – bom, eu na cerveja e ela numa água de coco – em Nova Almeida, numa manhã de domingo, enquanto você levava as crias no mar para tirar areia. Ela é uma pessoa gentil, educada e simpática, conversou muito comigo, limpou a boca da minha menininha que tinha vomitado (minha filha tinha, mais ou menos, uns 3 anos), aproveitou para passar protetor solar no meu caçula que estava de fraldas e sempre foi muito branquinho, deixou uma bolsa, uma sacola de plástico transparente e umas toalhas para eu tomar conta, debaixo de uma castanheira, para ir ao mar te ajudar a tirar areia dos seus meninos... Eu fui programado para dar certo na vida, de forma plúmbea e sem muito sabor. Sempre fui o melhor aluno da turma (mas não fazia artes nem coisas erradas. Nem pai para me passar um “rabo de tatu” eu nunca tive), estudei muito (coisa que acho que meninos não devem fazer, embora eu não diga isso, explicitamente, aos meus, por razões mais que óbvias), formei-me, tornei-me um funcionário público, com salário pequeno mas garantido (é pouco, mas pinga todo início de mês, até o final da vida), tudo assim muito certinho, muito esperadinho, muito programadinho, acabei sendo quase um robô. Só em sonho, eu iria para o Araguaia, iria dividir uma marmita com peões que trabalhavam na Feira das Amostras, iria vender alguma coisa na zona. Não porque não precisasse – a gente era pobre, fui engraxate, vendedor de bala no cinema, empregado de farmácia, auxiliar de tipógrafo, locutor de rádio, professor particular. Mas tudo muito certinho, muito certinho demais...

Morro de medo de avião até hoje. E olhe que somando tudo que já andei de avião (falo em aeroplano para provocar minha mulher. Ela morre de vergonha da quadradice do marido) devo ter dado a volta ao mundo, pelo menos, umas dez vezes. Imagine pular de pára-quedas. Ainda mais um que eu mesmo tivesse feito, se eu não dou conta nem de trocar lâmpada. Mas você tenta, como tentou asa delta em Valadares (eu não iria, nem perto, para ver).

Em outras palavras, você ousa até hoje e eu nunca tive coragem de ousar...

Por isso, tenho inveja...

Minha inteligência nunca deu para cozinha. Bom pai, considero-me melhor que 90% dos pais que andam por aí, sempre fiz comida ou esquentei comida para meus meninos, em qualquer hora que eles quisessem. E faço melhor que qualquer pai. Esquentar é fácil. Fazer, bom, aí complica. Faço mas faço assim: fervo uma água, arrumo um miojo, um ovo frito, descasco uma fruta (devo descascar uma laranja, euclidianamente, muito melhor que você, muito melhor, mesmo se você viver mais 100 anos tentando fazer igual não vai conseguir. Não deixo um branquinho, secciono cada gomo no sentido longitudinal). Você é capaz de transformar 11 conchinhas de sururu em alguma coisa para a qual Paul Bocuse faria continência. Na cozinha, você tem aquele “tcham” que eu não tenho nem nunca vou ter. Eu não daria conta de fazer um jantar para 10 pessoas, mesmo se estiverem à minha disposição 9 cozinheiros ajudantes, um estoque grande de trufas negras, um barril de molho de Vicechoise recém-preparado, travessas de caviar Romanoff (ou Beluga, se faltar o Romanoff). Você daria conta de fazer muito melhor que isso e muito melhor que eu, com 4 asas de frango, um arroz dormido, um feixe de cebola de cheiro e meia dúzia de tomates. Posso me aposentar há 13 anos mas não tenho coragem. Você tentou se aposentar aos vinte e um anos (Aliás, se eu tivesse ido parar lá onde você foi, estava lá até hoje). Eu, se me aposentar, vou ficar perdido. Você, que nasceu perdido (como eu gostaria de ter nascido), ia arrumar alguma coisa para fazer.

Então, Xará, é isso aí. Li e reli seu livro. E fiquei com muita inveja de você. Muita inveja mesmo. Eu queria ter sido assim. Mas não fui. Fazer o quê?

Na próxima “encadernação” talvez? Em compensação, você nunca vai conseguir fazer certas coisas que eu faço. Acordar às 5:15 da manhã, todos os dias, para fazer musculação. Beber um copo de chá de carqueja na hora que acorda, por gostar de coisas amargas. Tomar café com uma agenda ao lado, escrevendo o que é para fazer no dia que começa. E mais o quê? Para ser sincero, não tem muito mais não... Você talvez não dê conta de entender mais de doenças de plantas que eu. Talvez você não possa andar por aí dizendo

Êta Nois!

que nunca deu um cheque sem fundo – eu posso. Eu devo jogar pôquer melhor que você (mas se você aprender, ganha fácil de mim). Conheço os nomes – vulgares e científicos, em latim, inclusive – da maioria dos vegetais que nos cercam e duvido que você conheça. Eu tenho uma filha mulher, você não tem – no varal de minha casa, sempre há pelo menos duas calcinhas dependuradas e no varal da sua casa só deve ter uma de cada. Eu já peguei na mão de Jânio Quadros, de Carlos Lacerda e de Luiz Carlos Prestes, você não... Eu sou bom de computador, muito bom – melhor que a maioria desses rapazinhos que brincam de Orkut, de Blog, essas coisas (e você não tem perfil para isso). Sei dançar tango (se bem que tem muito tempo que não tento) e lutar judô (se bem que tem muito tempo que não tento um icê-oi-naguê), já toquei violão por música (tem uns vinte anos que não pego, mas se pegar uns meses, presumo que posso voltar à forma). E, mais grave ainda, eu já li um livro seu e você nunca leu um dos meus livros... Se bem que os meus – técnicos e maçantes – nem iam ter muito interesse para você.

Um abraço...

Reginaldo Da Silva Romeiro

Eta nós!

Reginaldo da Silva Romeiro (1946-2010)

Um dos mais destacados fitopatologistas do Brasil, o professor Reginaldo dedicou sua vida ao estudo de bactérias fitopatogênicas. Recebeu o Premio Summa Phytopathologica concedido pelo Grupo Paulista de Fitopatologia, em 1990, e o Prêmio Dr. Arnaldo Gomes Medeiros, concedido pela Sociedade Brasileira de Fitopatologia, como Fitopatologista em destaque no Brasil, em 2005.

O reconhecimento de sua expressiva participação na Fitopatologia Brasileira foi materializado com o Prêmio Summa Phytopathologica, Engenheiro-agrônomo (Uremg, atual UFV, 1968), mestre em Microbiologia Agrícola (UFV, 1971) e Ph. D. em Fitopatologia (University of Missouri, EUA, 1980), realizou treinamentos, após o doutorado, na Uni-

versidade da Califórnia (EUA, Riverside, 1981), Universidade Técnica de Braunschweig (Alemanha, 1986) e na Auburn University (EUA, Alabama, 1996). Professor na Universidade de Viçosa desde janeiro de 97.

Reginaldo orientou 25 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado, além de dezenas de estagiários de iniciação científica. Publicou, como autor e, ou, co-autor, 115 artigos completos em periódicos, 11 capítulos de livros, 18 trabalhos completos e 427 resumos em anais de congressos. É autor de oito livros, nas áreas de bacteriologia e de biocontrole de enfermidades de plantas.

Êta nósis...

... Do amigo Renato Ezaquiel, foram esses elogios que de igual forma me envaideceram:

Tem certas coisas que passam por nossa vida, ficam esquecidas e, de repente, aquele momento volta claro, forte e colorido...

E como você põe cor, clareza e forte expressão nas suas estórias que não deixam de ser HISTÓRIA na expressão da verdade!

Você, Reginaldo, conta seus “causos” em formidáveis CASOS cheios de graça, sensibilidade e muito humor. Aquele “HUMOR” (RIUMOR) do idioma inglês que só se percebe nas grandes obras literárias, como as de Shakespeare, Machado de Assis, Eça de Queirós, Dante Alighieri, Camões, Cervantes...

Aliás, a grande e apreciada obra literária não significa que tenha de ser volumosa, com uma quantidade enorme de palavras, parágrafos, períodos... Basta, apenas, que seja atraente, prenda sua atenção e lhe traga o prazer de ter adquirido mais conhecimento, mais cultura, mais sabença. Uma trova que seja, quando bem feita, encerra uma história, uma paixão, uma passagem marcante deixada pelo seu autor.

Você tem, nos seus escritos (Êta Nois!...”), além das qualidades acima, também o grande poder de síntese, que a poucos assiste.

Como andava atarefado de serviços no escritório, só agora, nesse fim-de-semana, pude ler e apreciar seus escritos e encher a boca d’água com tantas e deliciosas receitas que contêm. Hummmmm!!!

Continue escrevendo, Reginaldo Horta, seu talento é transcendente.

Abraço amigo do Renato Ezequiel.”

E meu amigo Renato que gostava de ouvir os meus casos, foi embora sem ver o livro editado, encontrar-se com o meu xará, em outros campos, em outros mundos.



*Chegou Reginaldo
Dois de Agosto de 1944*

Nella Martini misturava no pensamento um trecho de “Serra da Boa Esperança”, de Larmartine Babo, com a “Salve Rainha”, sua oração predileta, e tentava, cantando para dentro, encaixar as frases, no ritmo da primeira -”Esperança que se encerra, sentado à mão direita de Deus Pai, no coração de quem vai...” -, às vezes sorria com o resultado de sua música-reza, enquanto, mecanicamente, espalhava farinha de trigo nas linhas dos “spaghetti”, cortados por iguais pela velha faca, todos nevados pelos borrifos da farinha, quietos, espiçados na imensa mesa de madeira escutando, pacientemente, a cantoria muda da italiana.

A macarronada do domingo estava ficando pronta.

Fazia movimentos circulares e às vezes se pegava jogando farinha com o sinal da Cruz. Ria e se benzia. O olhar vago parava de acompanhar o vai e vem da mão batizando com farinha a massa e o chão da cozinha.

Na capital mineira o tempo estava nublado. Era a primeira quarta-feira de agosto. O vento soprava forte assobiando entre as telhas. Mês de cachorro doido! Este pensamento tirou Nella do encanto. Olhou para a Santa Ceia dependurada na soleira da porta enorme e rapidamente fez o nome do Pai e resmungou alto: Benza o Deus! Isto é hora de pensar nisso!

O grito vindo do portão chamando o seu nome indicava que estava na hora. Tirou o avental de flores lilás, antes azuis, e o lenço da cabeça, fazendo aparecer uma vasta e comportada cabeleira grisalha. Olhou para o crucifixo de madeira na sala; suspirou e, resmungando, disse:

“- Vamos lá! ”

Sua maleta com seus “aparelhos” já estava há muito arrumada, acomodada ao lado da sombrinha inseparável, esperando amarrotada no aparadouro, móvel de madeira que ficava na entrada da sala especialmente para receber os chapéus, as sombrinhas, guarda-chuvas e galochas.

Com um movimento rápido, vestiu a túnica amarelada, surrada de tantas lavadas com

sabão de cinza, cobriu os cabelos cuidadosamente com o lenço, quase véu, saiu carregando o seu peso, concentrado no corpo baixo e forte dessa italiana de 60 anos.

“Porca miséria, esta escada ainda me mata”, esbravejava! Subia, devagar, os 32 degraus do sobrado cinza, que fica na rua Lídia Couto número 9, esquina com a rua Pousou Alegre. “Ainda bem que moro perto; faltam poucos” e ia repetindo, se enganando para não pensar nos tantos degraus que ainda faltavam.

A porta de duas bandeiras, se abriu para aumentar o espaço para que a velha parteira entrasse, muito antes de ela terminar o calvário da escada. A ansiedade dominava. A voz masculina mostrava inquietude e ansiedade. Falou em tom baixo, mas nervoso: “Vem, está quase na hora. Depressa!”

Esquecido, o rádio ligado anunciava as notícias do “front”. Estava quase terminando a Segunda Grande Guerra. Ninguém lhe dava a importância que pedia. No quarto do casal, Nella Martini transpirava e suavemente fazia massagens na enorme barriga da mulher, de modos aristocráticos, pele clara, olhos castanhos claros, quase mel, que espelhavam segurança.

De dentro de sua caixa preta, em lugar especial no canto da sala, ornamentado com uma toalha bordada, o rádio, com ciúmes, lembrava: dois de agosto de 1944, os aliados invadem...

A quase mãe espantada, com os seus lindos olhos castanhos quase mel, inspirava amor, e mesmo no sofrimento era bonita. O relógio de parede marcava as badaladas de cada quarto de hora. Eram 20:15 e a velha parteira abriu seus brilhantes olhos azuis apertados pelas bochechas grandes e berrou, como uma boa italiana:

“É um menino homem!”

A mulher na cama, feliz, cansada, enfim recebe seu filho. O ambiente estava encharcado de paz, contra a vontade do rádio desprezado. A velha parteira, não confiando mais em sua memória, acrescentou rápido no prontuário: nasceu com 4 kg e 53 centímetros de altura.

A Segunda Guerra parecia que nunca iria terminar. O plástico e a penicilina estavam inventados.

Treze dias depois, no dia 15 de agosto, terça-feira de vento forte, os amigos e a família se reuniram no sobrado da Rua Lídia Couto com Pouso Alegre, para um farto almoço. Destacava a farofa de pinhão, o frango ensopado, a macarronada e o especial da festa: Guaraná à vontade.

Às 15 horas, o menino agora com nome de Reginaldo Horta Azevedo foi batizado. Para não perder tempo, foi Consagrado ao Sagrado Coração de Jesus no dia 1º de setembro, na primeira sexta-feira, na imponente igreja de Nossa Senhora das Dores, na Floresta. Santo menino!

Minha mãe já havia tido a Marilda, minha primeira irmã, e perdido um outro filho. Papai trabalhava no Banco Mineiro da Produção, era caixa e tinha muito orgulho do que fazia. A vida acontecia.

Meus primeiros passeios foram feitos na pracinha Negrão de Lima, a um quarteirão de minha casa.

Minha mãe era uma princesa. Ela nunca ficava feia. Ficava mais linda quando tocava piano. A vida era uma festa. Adorava o barulho do bonde Ozanam, com suas rodas de aço, deslizando nos trilhos que, para mim, nunca chegavam ao fim, e barulhento, cambaleando seu grande corpo, passava em frente ao sobrado chamando a atenção de todos naquela casa.

Faltavam inventar o liquidificador, a panela de pressão e o fogão a gás. Belo Horizonte crescia. O terror, naquele tempo, era um ladrão chamado de Sete Dedos. Minha vida era preso no sobrado e minha liberdade era as brincadeiras na pracinha Negrão de Lima. As viagens mais longas, só de trem. Nele, os homens cobriam seus ternos com guarda-pó e a mãe da gente levava, embrulhados em sacolas de pano, frango frito, farofa, bananas. Mal saía da Estação, já estava comendo. Não podia ficar olhando pela janela porque, com a força da locomotiva queimando e assoprando a sua brasa com fumaça, corria-se o risco de uma braziinha entrar nos olhos. Viagem com janela fechada.